

CURRÍCULO, HISTÓRIA SOCIAL DAS DISCIPLINAS, CONHECIMENTO ESCOLAR, GESTÃO DA ESCOLA E TECNOLOGIA

José Augusto de Brito **Pacheco**
Márcia Angela da Silva **Aguiar**
Joana **Sousa**
(Organizadores)

Série **3**



José Augusto de Brito Pacheco
Márcia Angela da Silva Aguiar
Joana Sousa
(Organizadores)

**CURRÍCULO, HISTÓRIA SOCIAL DAS
DISCIPLINAS, CONHECIMENTO ESCOLAR,
GESTÃO DA ESCOLA E TECNOLOGIAS**

Série

Anais dos XII Colóquio sobre Questões Curriculares, VIII
Colóquio Luso-Brasileiro de Currículo e II Colóquio Luso-
Afro-Brasileiro de Questões Curriculares

Recife - Pernambuco - Brasil
ANPAE: Prefixo Editorial 87987
2017

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES
Associação Brasileira de Currículo ABdC
Sindicato dos Trabalhadores em Educação em Pernambuco – SINTEPE

Universidades Parceiras

Universidade Católica de Petrópolis
Universidade do Estado de Santa Catarina
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco
Universidade do Porto
Universidade de Lisboa
Universidade Pedagógica de Moçambique
Universidade Cabo-Verde, (UniCV)
Universidade Katyavala Bwila, Angola

Ficha Catalográfica

P116 c

Currículo, história social das disciplinas, conhecimento escolar, gestão da escola e tecnologias - Anais do XII Colóquio sobre questões curriculares/VIII Colóquio luso-brasileiro de currículo/II Colóquio luso-afro-brasileiro de questões curriculares. Série. Organização: José Augusto de Brito Pacheco, Márcia Angela da Silva Aguiar e Joana Sousa [Livro Eletrónico]. – Recife: ANPAE, 2017.

ISBN 978-85-87987-04-4

Formato: PDF, 577 páginas

1.Educação. 2.Currículo. 3.Anais. I. Pacheco, José Augusto de Brito, II Aguiar, Marcia Angela da Silva. III. Sousa, Joana. IV. Título

CDU 37.01(06)

CDD 375

Organizadores

José Augusto de Brito Pacheco: Professor da Universidade do Minho, Portugal e Doutor em Educação

Márcia Angela da Silva Aguiar: Professora Titular da Universidade Federal de Pernambuco. Doutora em Educação. Brasil.

Joana Sousa: Doutoranda do Instituto de Educação, da Universidade do Minho e bolsista de investigação científica em Ciências da Educação, especialização em Desenvolvimento Curricular pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT - SFRH/BD/93389/2013)

Todos os arquivos aqui publicados são de inteira responsabilidade dos autores e coautores, e pré-autorizados para publicação pelas regras que se submeteram ao XII Colóquio sobre Questões Curriculares/VIII Colóquio Luso-Brasileiro de Currículo/II Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares. Os artigos assinados refletem as opiniões dos seus autores e não as da Anpae, do seu Conselho Editorial ou de sua Direção.

Endereço para correspondência

ANPAE - Associação Nacional de Política e Administração da Educação

Centro de Educação da Universidade Nacional de Brasília

Asa Norte s/n Brasília, DF, Brasil, CEP 70.310 - 500

<http://www.anpae.org.br> | E-mail: publicacao@anpae.org.br

Serviços Editoriais

Planejamento gráfico, capa e editoração eletrônica:

Carlos Alexandre Lapa de Aguiar.

Nossa página na Web: www.coloquiocurriculo.com.br

Distribuição Gratuita

Sumário

Apresentação <i>Comissão Organizadora</i>	19
--	----

Currículo e história social das disciplinas

I - O lugar do ensino da história no projeto pedagógico da modernidade <i>Ana Luíza Araújo Porto</i>	22
---	----

II - Educação e uso da oralidade: a lição de Yaaba <i>Eva da Silva Cebalho, Dimas Santana Souza Neves e J. D. Santos</i>	30
---	----

III - A construção do currículo do Centro Educacional Bom Pastor no contexto da inclusão escolar: singularidades de uma escola pública municipal de Ituporanga. <i>Fernanda Souza, Marcell Errath Westphal e Rita de Cássia Souza Pereira</i>	39
--	----

IV - A reestruturação do currículo de geografia em língua portuguesa de Timor-Leste: contradições e desafios na sua implementação <i>Vanessa Lessio Diniz</i>	48
--	----

Currículo e conhecimento escolar

V - O domínio da avaliação gramatical nos exames de português de 2015: conteúdos e operações linguísticas <i>Antônio Carvalho da Silva</i>	59
---	----

VI - Currículo, cultura E educação matemática: uma aproximação possível? <i>Elenilton Vieira Godoy</i>	69
---	----

VII - A prática como dimensão curricular: recontextualização de propostas de livros didáticos no trabalho com gêneros discursivos em aulas de português <i>Emanuele de Souza Pacheco e Lúvia Suassuna</i>	78
--	----

Currículo e tecnologias

XXXVI - Formação afirmativa na educação profissional e tecnológica: uma cartografia multirreferencial da gestão do conhecimento etnicorracial no IFBA <i>Adelmo de Souza Xavier</i>	341
XXXVII - Novas formas de sociabilidade juvenil na produção do currículo em ação: aplicativos de mensagens e conexão com as tecnologias digitais <i>Aline Gonçalves Ferreira e Shirlei Rezende Sales</i>	351
XXXVIII - Currículo e construção do cotidiano escolar: o uso das tecnologias digitais na organização do trabalho docente dos supervisores do PIBID-FURB <i>Bruna Aparecida de Almeida, Elora Testoni Felippi e Valéria Contrucci de Oliveira Mailer</i>	361
XXXIX - Experiências curriculares de imersão na cultura digital: o caso do curso transmídia para professores do ensino fundamental realizado por uma ONG <i>Bruno Olivatto, Denise Guerra e Edilene Santana</i>	372
XL - Jogo de celular e ensino de língua <i>Cicero Nestor Pinheiro Francisco e Márcio Luiz da Silva</i>	379
XLI - Um modelo de layout para materiais didáticos de cursos na modalidade a distância <i>Dorcas Janice Weber e Lia Raquel Oliveira</i>	388
XLII - O perfil cognitivo dos professores de anos iniciais e as práticas docentes mediatizadas: a emergência de relações multirreferenciais <i>Elizane Schiessl e Martha Kaschny Borges</i>	399
XLIII - Entre ditos e não-ditos: sentidos sobre o currículo presentes no programa nacional de tecnologia educacional (PROINFO) <i>Emanuelle de Souza Barbosa, Eunice Pereira da Silva e Anna Rita Sartore</i>	407

XLIV - Estudando o desenvolvimento de um modelo curricular para ambientes virtuais de aprendizagem numa instituição de ensino superior periférica <i>Francisco Sousa</i>	416
XLV - Interfaces da gameficação: processo de produção de games na educação infantil <i>Georgia Daniella Feitosa de Araújo Ribeiro</i>	421
XLVI - #Currículo do facebook: ensinando conteúdos curriculares por meio da ciborguização dos processos educacionais <i>Gislene Rangel Evangelista</i>	430
XLVII - Articulações e tensões entre escolarização e juventude escolar na cultura digital <i>Juliana de Favere, Geovana Lunardi Mendes e Gicele Maria Cervi</i>	443
XLVIII – As TICS na rede municipal de educação do RJ <i>Juliana Virginia da Silva e Karina Lima Brito</i>	452
XLIX - Produção cultural a partir do uso do celular: perspectivas da sala de aula <i>Lhays Marinbo da Conceição Ferreira</i>	461
L - Práticas docentes e políticas curriculares: a cultura da performatividade <i>Luciana Velloso</i>	470
LI - A cibercultura no combate ao racismo e a discriminação religiosa <i>Luzineide Miranda Borges</i>	478
LII - Possibilidades franqueadas pelas TIC sob o olhar do currículo no cotidiano escolar <i>Marta Cordeiro da Silva Gomes e Anna Rita Sartore</i>	492
LIII - Currículo: discutindo o documento a partir do enfoque CTS <i>Peterson Fernando Kepps da Silva e Lavinia Schwantes</i>	500
LIV - O educador como agente de integração das TIC no currículo do ensino fundamental <i>Rafael Gué Martini</i>	509

ESTUDANDO O DESENVOLVIMENTO DE UM MODELO CURRICULAR PARA AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM NUMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PERIFÉRICA

Francisco Sousa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores e Centro de Investigação em Estudos da Criança, Portugal

INTRODUÇÃO

A Universidade dos Açores (UAç), por estar situada num arquipélago bastante afastado do território continental e por estar fisicamente instalada em três ilhas, tem sido frequentemente referida como instituição da qual se esperaria uma especial apetência para o Ensino a Distância (EaD). Porém, as práticas de EaD realizadas nesta Instituição de Ensino Superior (IES) são ainda bastante incipientes, como reconhece a Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES, 2014a, 2014b). Esta comunicação refere-se a algumas dessas práticas. Mais especificamente, relata um estudo de práticas orientadas por um modelo curricular emergente: o MAPE. Este modelo é Modular, porque assenta numa lecionação organizada por módulos; Assíncrono, porque a duração de cada módulo é relativamente longa (duas ou três semanas na maior parte dos casos) e permite que os estudantes realizem as atividades de aprendizagem a qualquer hora do dia ou da noite, sob a orientação dos docentes; Participativo, porque implica a realização de atividades que dependem de uma participação muito ativa dos estudantes e porque se desenvolve com base em contributos de todos os participantes (docentes e discentes), numa lógica de avaliação formativa; e Emergente, porque, além de não constituir uma reprodução nem uma adaptação de outros modelos, ainda se encontra numa fase de pouca maturidade.

O modelo MAPE começou por ser testado, a partir do ano académico de 2011/12, no contexto de unidades curriculares isoladas de cursos nos quais quase toda a leção é presencial. Os resultados da avaliação dessas experiências foram muito satisfatórios, com exceção do caso particular de parte de uma unidade curricular lecionada no ano académico de 2014/15 a uma turma de alunos do primeiro semestre de um curso de licenciatura. Conforme explicado noutra publicação (Sousa, 2015), o facto de a turma ser constituída por alunos recém-chegados ao Ensino Superior não foi suficientemente tido em conta.

No ano académico de 2014/15, o modelo MAPE foi, pela primeira vez, adotado por vários docentes. Esta adoção ocorreu no contexto do curso de pós-graduação em *e-learning*, oferecido pela UAc. A segunda edição deste curso ocorreu no ano académico de 2015/16. Em ambos os casos, o modelo MAPE foi adotado na maioria das unidades curriculares.

Neste contexto, foi enunciada a seguinte questão de investigação: quais são as características desejáveis de um modelo curricular para ensino a distância que atenda às especificidades desta IES em particular?

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

O desenvolvimento do modelo MAPE tem sido estudado através de uma metodologia baseada na investigação do *design* curricular, que privilegia a construção iterativa de soluções para problemas educativos, com a ambição de gerar conhecimento que seja útil noutros contextos. Essas soluções vão assumindo, assim, a forma de sucessivos protótipos do produto em desenvolvimento, cada vez mais refinados, em função dos resultados de um processo de avaliação que atende a três dimensões: validade, praticabilidade e eficácia (Plomp, 2010; van den Akker, 2010).

Mais especificamente, os dados apresentados e discutidos nesta comunicação dizem respeito à perceção de oito estudantes sobre a praticabilidade e a eficácia do modelo, tendo sido recolhidos através de um questionário disponibilizado *online*. Esses oito estudantes incluem os cinco que concluíram a primeira edição do curso (2014/15) e três dos quatro que concluíram a segunda edição do curso (2015/16). O questionário foi aplicado nos dois semestres de cada edição do curso, mas os dados aqui considerados referem-se apenas aos dois momentos em que mais estudantes responderam: o segundo semestre da edição de 2014/15 e o primeiro semestre da edição de 2015/16.

RESULTADOS DO ESTUDO

A pergunta do questionário mais diretamente relacionada com a praticabilidade, ou usabilidade, dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) – isto é, com a facilidade de “navegação” nesses ambientes, na perspectiva dos estudantes – era a seguinte: Como classifica os quatro AVA abrangidos por este inquérito quanto à facilidade com que neles “navegou”? Numa escala de 1 a 5, considerou-se que o nível 1 correspondia a uma “sensação de enorme desorientação” e o nível 5 correspondia a uma “enorme facilidade de ‘navegação’, baseada em orientações extremamente claras e numa excelente organização do AVA”. Como mostra a tabela 1, o grau de satisfação dos inquiridos relativamente a este aspeto do modelo é elevado.

Tabela 1. Análise das respostas à questão n.º 7 do questionário (perceção sobre a praticabilidade do MAPE, em termos de facilidade de “navegação” nos AVA)

Escala de resposta	Número de respostas
1	0
2	0
3	0
4	3
5	5

Nos momentos em que a avaliação do modelo MAPE incidiu sobre unidades curriculares de cursos predominantemente presenciais, na pergunta do questionário mais diretamente relacionada com a eficácia dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) pedia-se aos inquiridos que imaginassem a leção dessas unidades curriculares em regime presencial e indicassem qual dos regimes – presencial ou *online* – lhes permitia aprender mais. Esta pergunta não foi incluída na versão do questionário especificamente aplicada na pós-graduação em *e-learning*. Nesta versão, a pergunta que mais informação gerou sobre a eficácia do modelo MAPE, na perspectiva dos estudantes, foi a seguinte: No contexto dos quatro AVA em questão, como classifica a quantidade e a qualidade da informação fornecida pelos docentes no contexto da avaliação formativa das suas tarefas? Como mostra a tabela 2, o grau de satisfação dos inquiridos relativamente a este aspeto do modelo também é elevado.

Tabela 2. Análise das respostas à questão n.º 9 do questionário (percepção sobre a eficácia do MAPE, em termos de avaliação formativa)

Possibilidades de resposta	Número de respostas
Os docentes limitaram-se a classificar os produtos das tarefas, sem explicar o que estava incorreto nem fornecer pistas de melhoria	0
Os docentes praticaram insuficientemente a avaliação formativa	0
Os docentes praticaram suficientemente a avaliação formativa	0
Os docentes praticaram bastante a avaliação formativa	2
Os docentes praticaram uma avaliação formativa de grande qualidade, explicando com clareza o que estava incorreto e fornecendo pistas de melhoria	6

Em resposta a perguntas através das quais se pedia aos inquiridos que apontassem os aspetos mais negativos do modelo e explicitassem sugestões de melhoria, um estudante referiu que houve algumas situações nas quais o *feedback* dos docentes, numa lógica de avaliação formativa, poderia ter sido mais rápido. Outro estudante referiu que houve momentos em que algumas atividades se encontravam ocultas e sugeriu que os docentes visualizem os AVA na ótica dos discentes sempre que introduzem novos recursos e atividades, de forma a evitarem falhas neste aspeto da praticabilidade do modelo. Estes comentários serão tidos em conta na elaboração do próximo protótipo.

Em suma, os resultados do estudo revelam elevados níveis de satisfação dos referidos estudantes relativamente à praticabilidade e à eficácia do modelo.

REFLEXÕES FINAIS

O curso de pós-graduação em *e-learning* constitui o contexto no qual o modelo MAPE foi, pela primeira vez, adotado por vários docentes, cobrindo a maioria das unidades curriculares desse mesmo curso. Por isso, propiciou condições para que a viabilidade do modelo enquanto proposta de organização do EaD oferecido pela UAc fosse testada. Os resultados aqui apresentados e discutidos sugerem que as características do modelo MAPE se adequam, de facto, à situação específica de uma IES pouco experiente em EaD.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A3ES (2014a). *ACEF/1314/04232 – Relatório preliminar da CAE sobre a Licenciatura em Sociologia*. Extraído de http://www.a3es.pt/sites/default/files/ACEF_1314_04232_acef_2013_2014_univ_aacef.pdf

A3ES (2014b). *ACEF/1314/05192 – Relatório final da CAE sobre o Mestrado em Gestão e Conservação da Natureza*. Extraído de http://www.a3es.pt/sites/default/files/ACEF_1314_05192_acef_2013_2014_univ_aacef.pdf

Plomp, T. (2010). Educational design research: An introduction. In T. Plomp & N. Nieveen (Eds.), *An introduction to educational design research* (pp. 9-35). Enschede: SLO.

Sousa, F. (2015). O desenvolvimento de um modelo de ensino virtual num contexto de investimento incipiente em *e-learning*: progressos e desafios. *Da Investigação às Práticas*, 5 (I), 79-97, <http://ojs.eselx.ipl.pt/index.php/invep/index>

van den Akker, J. (2010). Curriculum design research. In T. Plomp & N. Nieveen (Eds.), *An introduction to educational design research* (pp. 37-71). Enschede: SLO.